

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

Reitora
Vice-Reitor



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

**Coordenadora de produção editorial
Preparação e revisão**

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Jeane Antonio Pedrozo

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P769 Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior
no Brasil / Sabine Gorovitz e Enrique Huelva Unternbäumen
(org.). - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
284 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-156-2

1. Ensino superior - Internacionalização - Brasil. 2. Educação -
Cooperação internacional. 3. Política linguística. 4. Redes de
cooperação acadêmicas. I. Gorovitz, Sabine (org.). II.
Unternbäumen, Enrique Huelva (org.).

CDU 378

Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

PARTE 1

PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

Capítulo 1

A internalização das universidades brasileiras	15
--	----

Heitor Gurgulino de Souza

Universidade da ONU

Capítulo 2

Políticas de Integração e Cooperação Técnica de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior — perspectivas Unesco	31
--	----

Maria Rebeca Otero Gomes e Thais Guerra

Unesco

Capítulo 3

Expectativas para o crescimento do Programa MARCA MERCOSUL	45
--	----

Grasiele Reisdörfer

MEC – Programa Marca Mercosul

Capítulo 4

Educação superior brasileira: cenários e reais e possibilidades de cooperação Brasil/Goa/Índia	53
---	----

Marcos Formiga

UnB/Ceam – Núcleo do Futuro

PARTE 2

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Capítulo 5

Políticas del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina 73

Rainer Enrique Hamel

Universidad Autónoma Metropolitana – UAM

Capítulo 6

Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário 101

Angela Erazo Muñoz

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Capítulo 7

A Língua Portuguesa em Goa / Índia: uma breve história e evolução mais recente 117

Aurobindo Xavier

Sociedade Lusófona de Goa – LSG

Capítulo 8

Missões e desafios da Agência Universitária da Francofonia (AUF) 127

Isabela de Cerqueira Silva Ospital

Agência Universitária da Francofonia – AUF

Capítulo 9

Pela diversidade linguística nas universidades: o monolingüismo do inglês em debate 135

Sabine Gorovitz

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 3

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO, REDES E AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Capítulo 10

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr:
atividades e desafios 147

Stephan Hollensteiner e Fernando Oliveira Paulino

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Capítulo 11

A cooperação universitária com a Alemanha e o papel do Serviço
Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) 161

Martina Schulze

Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD

Capítulo 12

Internacionalización en la Organización de los
estados Iberoamericanos 173

Paulo Speller

OEI

Capítulo 13

A Cooperação Acadêmica da União Europeia com o Brasil 183

Claudia Gintersdorfer

União Européia – UE

Capítulo 14

A contribuição dos estudos latino-americanos para a
internacionalização das universidades brasileiras e para a produção
de um conhecimento global 193

Rebecca Lemos Igreja e Simone Rodrigues Pinto

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 4

BOAS PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

Capítulo 15

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp 213

Luís Augusto Barbosa Cortez

Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)/Unicamp

Capítulo 16

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de
pesquisa científica e ensino superior 235

Alain Bourdon

Embaixada da França no Brasil

Capítulo 17

Acordos internacionais entre a FAU/UnB e as
universidades estrangeiras 243

Cláudia Estrela Porto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB

PARTE 4

BOAS-PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

CAPÍTULO 15

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp

Luís Augusto Barbosa Cortez¹

Professor aposentado da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)

Ex-vice-reitor executivo de Relações Internacionais da Unicamp

Introdução

A título de esclarecimento, algumas palavras iniciais para informar o leitor sobre o conteúdo deste capítulo.

Gostaria inicialmente de agradecer a professora Sabine Gorovitz da Universidade de Brasília (UnB) pelo amável convite que me permite escrever neste livro sobre internacionalização das universidades brasileiras. Com toda a certeza a professora Sabine estava interessada em colocar neste livro as impressões e um pouco da experiência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no tema internacionalização acadêmica. Muito justa sua preocupação dado que a Unicamp é hoje uma das principais e mais prestigiadas universidades brasileiras e muito disso deve-se à sua precoce internacionalização.

Muito também se deve ao seu primeiro reitor, o professor doutor Zeferino Vaz (de 1966 a 1978), que inclusive foi também reitor na própria

¹ Luís Augusto Barbosa Cortez é engenheiro agrícola pela Unicamp (1980), mestre pela Université Laval, Canadá (1984), doutor pela Texas Tech University, EUA (1989). Foi professor da Unicamp (1988-2017), Coordenador de Relações Internacionais da Unicamp (2002-2009), coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Planejamento Energético (Nipe) da Unicamp (1997-2002 e 2012-2013), coordenador adjunto Fapesp (2009-2016), vice-reitor de Relações Internacionais da Unicamp (2013-2017). Na pesquisa, atuou na área de bioenergia.

UnB em 1964, vindo posteriormente criar a Unicamp para ser a segunda universidade pública paulista, depois da USP.

Num texto do ex-reitor professor José Tadeu Jorge (JORGE; CORTEZ, 2016), são devidamente apresentados detalhes do processo de internacionalização da Unicamp e analisados três grandes períodos da história dessa universidade: da sua criação em 1966 até 1978, quando termina o mandato do seu primeiro reitor professor Zeferino Vaz; de 1979 a 1989, quando as universidades paulistas obtêm do Governo do Estado de São Paulo a chamada “autonomia” de gestão dos recursos orçamentários; e finalmente de 1990 até 2017. Lá foram apresentados dados estatísticos sobre a evolução dos principais indicadores da internacionalização e como a Unicamp conseguiu criar a reputação de uma das principais universidades latino-americanas.

Na segunda parte do texto, foram apresentadas as diretrizes que nortearam a estratégia de internacionalização da última gestão da Unicamp (2013-2017), a qual se fundamentava em três eixos fundamentais: relevância acadêmica, reciprocidade e oportunidade para todos os segmentos da comunidade acadêmica. Foram também apresentados os mecanismos, Editais de Internacionalização da Unicamp, utilizados para a implementação dessa política, única entre as universidades brasileiras onde recursos substanciais são alocados anualmente propiciando condições às unidades de ensino e pesquisa da universidade para definir suas próprias estratégias e metas de internacionalização.

Aqui apresenta-se uma revisão destes pontos, muitas vezes com comentários pessoais, começando pela motivação, sobre o que queremos com o processo de internacionalização, para em seguida passarmos em revista alguns números desse processo.

Finalmente, ousou fazer algumas reflexões sobre o que ainda se faz necessário nesse processo.

Um pouco da minha experiência pessoal, apenas para contextualizar

Minha experiência na área internacional foi como aluno de pós-graduação, mestrado e doutorado de 1981 a 1988. Após a conclusão do doutorado, tive a oportunidade de trabalhar na Unicamp de dezembro de 1988 a dezembro de 2017. Como docente tive uma colaboração internacional intensa, principalmente com os EUA, Cuba, Canadá, Reino Unido e Japão. Participei da gestão do professor Carlos Henrique de Brito Cruz (2002 a 2005), professor José Tadeu Jorge (2005 a 2009) e professor Fernando Costa (2009) como Coordenador de Relações Internacionais. Retornei na segunda gestão do professor José Tadeu Jorge (2013 a 2017) como vice-reitor executivo de Relações Internacionais.

O porquê da internacionalização

Intuitivamente, todos acreditamos saber o porquê da internacionalização. Trata-se de um conjunto de ações nas quais se cria uma oportunidade para que ocorra uma troca de experiências de natureza acadêmica ou não. O Brasil, como todos sabem, construiu seu ensino superior bem tardiamente. As primeiras instituições foram nascendo a partir da vinda da família real portuguesa no início do século XIX.

Diz-se que Portugal era avesso à ideia de o Brasil contar com universidades durante o período colonial. Nas Américas, a criação de universidades importantes ocorreu já no século XIX tanto na América espanhola, como na inglesa e francesa. No Brasil, no entanto, foram sendo criados cursos isolados, mas uma universidade mesmo só veio a ser criada no início do século XX.

Existe uma disputa sobre qual foi a primeira universidade a ser criada no Brasil. Uns dizem que foi a UFRJ² e outros a USP. Se de fato foi a USP,³ isso só aconteceu na década de 1930, apesar de já existirem vários cursos antes da sua criação (Direito em 1827, Poli em 1893, Agronomia em 1901 e Medicina em 1912, por exemplo). Essas instituições, sem exceção, foram criadas a partir da vinda de pesquisadores, professores estrangeiros ou então da colaboração com escolas estrangeiras, notadamente europeias ou norte-americanas.

Existe, portanto, um atraso muito grande no processo de criação de universidades no Brasil, atraso esse que ainda não foi superado, visto que o percentual de alunos matriculados em instituições de ensino superior ainda é baixo,⁴ mesmo quando comparado a alguns países latino-americanos.

A ideia de internacionalizar vem no sentido de eliminar, ou ao menos reduzir, esse atraso histórico. Somos um país que tem realizado avanços sociais, mas ainda periférico, uma economia que margeia as chamadas economias centrais. Para dificultar as coisas, geograficamente, estamos longe dos epicentros do dinamismo econômico e cultural no mundo. Isto tem acontecido ao longo da nossa história e tende a se agravar na medida em que esse epicentro muda, ou retorna, para o Oriente.

Internacionalizar, sobretudo os jovens universitários, é, portanto, uma medida de tentar, rapidamente, colocar toda uma geração mais em contato com esses epicentros. Existe uma inegável dependência científica e tecnológica em todas as áreas do conhecimento, com poucas ou talvez,

² Conforme seu próprio *site*, a UFRJ foi criada em 1920. Disponível em: <https://ufrj.br/historia>.

³ De acordo com seu próprio *site*, a USP foi criada em 1934. Disponível em: <http://www5.usp.br/institucional/a-usp/historia/linha-do-tempo/>.

⁴ Apesar dos esforços governamentais, tais como o Prouni e o Fies, ainda há muito a avançar na inclusão de jovens nas universidades brasileiras.

a rigor, nenhuma exceção. Estudamos em livros escritos no exterior, trabalhamos com a ciência e tecnologia, na quase totalidade desenvolvidas no exterior. O fato de o país não ter produzido ainda nenhum prêmio Nobel, nesse sentido, é bastante sintomático.

Portanto, parece razoável a conclusão de que se faz necessário treinar nossos jovens no exterior, para o que existe de mais moderno de ciência e tecnologia, dando-lhes, assim, oportunidade para se integrarem profissionalmente nesse “admirável mundo novo”, nesse “shangrilá” onde esperamos chegar um dia...

Mas há outras razões, menos óbvias para se internacionalizar. Um dos mais, ou talvez o mais importante, é conhecer outras culturas, o modo de pensar de outros povos. Ir ao exterior, participar de um intercâmbio internacional, talvez seja uma das melhores formas de “se conhecer”, conhecer o próprio país. Como disse o pintor pernambucano Cícero Dias: “Eu vi o mundo, ele começava no Recife...”.

Para um jovem, em idade universitária, poder participar de uma experiência internacional, por mais curta que seja, terá sempre um enorme impacto sobre sua vida.

Mas a internacionalização não se refere só aos alunos de graduação ou de pós-graduação. Muitos hoje docentes fizeram parte da sua formação no exterior e tiveram o privilégio de completar seus estudos em boas universidades fora do país. Aqui abro uma ressalva, de que a experiência de internacionalização, para ser boa, não precisa ocorrer na direção Sul-Norte. Ótimas experiências podem acontecer em experiências Sul-Sul ou mesmo Norte-Sul.

Lembro, quando vivi em Québec no meu mestrado,⁵ ver muitos cooperantes quebequenses partindo para um *séjour de coopération* na

⁵ Fiz meu mestrado em Engenharia Agrícola na Université Laval entre 1981 e 1983 com bolsa do CNPq.

América Latina ou na África. Muitos deles recorriam às nascentes ONGs, como o Centre D'Études et Coopération Internationales (CECI)⁶ (<https://www.ceci.ca/fr>), ou pagavam do próprio bolso para viverem o novo, o inusitado. O ganho da internacionalização será outro, com certeza.

Lembro, de mim mesmo, quando participei do Projeto Rondon no Acre em 1980. Que experiência! Apenas um mês em Cruzeiro do Sul me fez entender muita coisa que guardo até hoje sobre a Amazônia e suas questões.

Internacionalizar é, portanto, uma oportunidade de viver outra experiência, não importando se ela não é de fato “internacional”, mas para descobrir “o novo”. Vai-se um e volta-se outro. Alguém já disse que você envia um adolescente e recebe um adulto de volta. Talvez um pouco de exagero, mas existe um inegável sentido de amadurecimento em quem participa de um intercâmbio. Se for ao intercâmbio sozinho, melhor, eu acho. O acompanhamento de um grupo acaba por dificultar a troca de experiências. Sozinho, o intercambista não terá a quem recorrer, está só e pronto! É justamente esse o objetivo.

Internacionalizar faz crescer, faz nascer o cidadão! Sem dúvida. Por isso, boas instituições, como a Unicamp, privilegiam a internacionalização em todos os níveis, desde a graduação, pós-graduação, professores e de seus funcionários, inclusive administrativos. Internacionalizar oxigena a instituição. E isso pode e deve ser feito nas duas mãos, nos dois sentidos, na que vai para fora e na que vem para dentro.

A presença de estrangeiros no *campus* é extremamente salutar. Boas universidades no mundo chegam a ter altos percentuais de alunos estrangeiros, muitas vezes 20 ou 30%. É claro que muitas pensam também

⁶ Tive a oportunidade de fazer à noite e nos fins de semana as *séances d'études* no CECI, abrindo meus horizontes para questões fundiárias na América Latina e outros problemas sociais na África.

nos recursos obtidos. Para muitas instituições, educação é também um negócio. Abstraindo este fato, ter uma forte presença externa no *campus* ajuda a oxigenar as ideias. Por mais diferentes que elas sejam e, aliás, justamente por serem diferentes.

Mas só existe uma maneira de se internacionalizar? É preciso ter dólares? Creio que não. Aqui mesmo no Brasil existem muitas culturas. O Brasil é um país grande. Podemos abrir mais as portas das nossas universidades para quem vem de outros estados, de outras culturas. A presença das nações indígenas nas universidades brasileiras, sobretudo na região Sudeste, ainda é muito baixa. Creio que não valorizamos suficientemente “o nosso”. O resultado disso, de não dar oportunidades para os jovens destas culturas é decretar seu desaparecimento, infelizmente. O reconhecimento que ainda muito deve ser feito nessa área é um passo importante para a criação de uma nação brasileira.

Internacionalizar também passa por estreitar nosso relacionamento com a América Latina, a quem ainda não nos integramos completamente. Existem experiências bem-sucedidas, por exemplo, com a Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM) ou da União das Universidades da América Latina (Udual), mas ainda é pouco e infelizmente, na maior parte dos casos, não tem merecido a devida atenção por parte das universidades brasileiras.

Academicamente, espera-se algo mais concreto, mais palpável da internacionalização. Vale citar aqui algumas metas acadêmicas da internacionalização, segundo a atividade universitária.

- No ensino como um todo, a internacionalização deve ser parte da formação acadêmica.⁷ Com ela é possível, por exemplo, identificar

⁷ Sugiro aqui a leitura dos textos do professor Gilles Bréton, hoje reitor da Université d’Ottawa no Canadá, que procurou definir estratégias para a internacionalização universitária.

falhas na formação. Num mundo globalizado não pode ser de outra forma. Os profissionais serão formados cada vez mais para atuarem além de suas fronteiras.

- Na graduação, deve-se intensificar a internacionalização para os cursos com alta evasão e baixa demanda no vestibular; apoiar a inserção de disciplinas em inglês; reciprocidade, igual número de alunos *in/out*; mobilidade contemplando todas as regiões do globo.
- Na pós-graduação, estimular programas sanduíche; estimular cotutela; apoiar a inserção de disciplinas em inglês.
- Na pesquisa, deve-se buscar por maior reconhecimento nacional e internacional; estimular publicação em coautoria com estrangeiros; intensificar a vinda de professor visitante estrangeiro.
- E, em relação às línguas, ações como universalizar o ensino de inglês; universalizar o ensino “em inglês”; oferecer línguas estratégicas (chinês, árabe etc.).

A internacionalização que queremos

Talvez o mais difícil seja decidir por que se internacionalizar. Mas resolver esta questão pode demorar muito. Essa tarefa, a de pensar na internacionalização e nos seus mecanismos, não pode ser resolvida ou feita de forma centralizada ou *top-down*, como alguns dizem. As reitorias ou as pró-reitorias podem, sim, pensar em como ajudar nesse processo, muitas vezes criando mecanismos macro, como, por exemplo, o estabelecimento de convênios com redes importantes, mas é muito importante que a internacionalização de fato aconteça ou seja do tipo *bottom-up*.

Isto significa que a unidade de ensino e pesquisa em questão, digamos, por exemplo, uma Faculdade de Medicina, deve definir sua própria

estratégia de internacionalização, ou seja, com quem deseja fazer mobilidade de docentes, alunos e funcionários.

Acredito que ninguém melhor do que a própria faculdade ou instituto para definir seus “parceiros prioritários”. Por exemplo, uma Faculdade de Medicina ou de Agronomia, sabendo que estamos num grande país tropical com doenças e características específicas dos trópicos, deverá ser capaz e ter interesse em eleger, escolher suas instituições parceiras. Muitas vezes, o critério é excelência em pesquisa, mas esse é um critério que deve ser escolhido pela unidade.

A Coordenadoria, Assessoria ou Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais pode, portanto, ter uma ação complementar por meio dos editais internos, acordos gerais de cooperação e apoio à mobilidade docente, discente e de funcionários. Essa ação complementar pode também ir até ao estímulo à unidade. Notem que há grandes benefícios decorrentes da internacionalização, por exemplo, a diminuição da evasão, além da melhoria da “nota Capes” com mais bolsas etc. Uma trajetória virtuosa.

Na Unicamp, pensando e discutindo muito com os coordenadores de graduação e pós-graduação, achamos que todas as ações de internacionalização devem se desenvolver considerando dois princípios:

- relevância acadêmica;
- reciprocidade.

Acreditamos que não há como abrir mão do primeiro e não se deve abrir mão do segundo. Foi nossa experiência observar que a reciprocidade é muito difícil, principalmente nas relações Sul-Norte. Por exemplo, os europeus e norte-americanos não tendem a nos enviar alunos e professores na mesma proporção que nós enviamos para eles. Mas também é verdade

que nós não praticamos plena reciprocidade com muitos países da América Latina. A Unicamp recebeu, por exemplo, muito mais alunos da Colômbia e do Peru do que enviou para estes países. A reciprocidade, nesse sentido, não deve ser um impedimento às relações internacionais, mas deve ser uma meta, um objetivo a ser atingido.

Os Editais de Internacionalização da Unicamp

No início da gestão 2013-2017, o reitor José Tadeu Jorge criou os chamados Editais de Internacionalização, como ficaram conhecidos um conjunto de oportunidades ligadas à mobilidade de docentes, estudantes e funcionários custeados com recursos da universidade. Em alguns casos, contamos com recursos complementares privados.

A ideia central dos editais era justamente viabilizar um modelo *bottom-up* no qual cada unidade de ensino e pesquisa apresentaria suas próprias demandas. Havia também programas nos quais alunos e funcionários podiam solicitar diretamente, sempre com a anuência do seu coordenador ou superior direto.

Foram os seguintes os programas que compunham os Editais de Internacionalização:

Cooperação Internacional: no qual cada unidade podia enviar 1 docente e 1 aluno para estabelecer o início de uma cooperação. A Unicamp tinha 24 unidades, portanto enviava 24 docentes e 24 alunos dentro desse programa. O intuito era “abrir as portas” para um relacionamento bilateral mais duradouro.

Humanas sem Fronteiras (HsF): este programa tentava, de alguma forma, compensar a área de humanas que tinha ficado fora do Ciências sem Fronteiras. Também um docente e um aluno por unidade. Portanto, na Unicamp, outros 24 docentes e 24 alunos, mas somente para os cursos de humanas.

Internacionalização dos Colégios Técnicos: a Unicamp dispõe de dois colégios técnicos, o Colégio Técnico de Limeira-COTIL e o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca), ambos muito bons por sinal. A estes colégios, oferecemos que um docente acompanhasse seis alunos no intercâmbio. Neste caso, eles tinham que viajar acompanhados, pois eram, em muitos casos, menores de idade. Como a Unicamp tem dois colégios, foram contemplados 2 docentes e 12 alunos. Neste caso, observa-se a dificuldade de se identificar um parceiro como um colégio técnico, mas isso foi feito com instituições espanholas, com sucesso!

Mobilidade de Funcionários: este foi um dos programas de maior sucesso. Como se verá numa das figuras a seguir, muito pouco havia de mobilidade internacional de funcionários. Foi, na verdade, a primeira vez que um programa da universidade visava beneficiar diretamente os funcionários técnicos e administrativos. Foi beneficiado, inicialmente, um funcionário por unidade. A “inoculação” da internacionalização contagiou muita gente. Muitos começaram a se preparar ao longo do ano para poderem participar do intercâmbio. A ideia inicial era de enviar um funcionário e que a universidade destino nos enviasse outro, não necessariamente na mesma área. Com a AUGM fizemos um programa semelhante, com reciprocidade. Foi também muito bom! Outro êxito!

FAEPEX Internacional: a Unicamp possui um Fundo de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão (Faepex), que é gerenciado pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP). Neste caso, abrimos um Faepex internacional no qual o docente poderia abrir seu laboratório para receber um aluno estrangeiro. Isso facilitaria a mobilidade de alunos com dificuldade na língua portuguesa e ajudaria as publicações dado que o aluno estrangeiro ficaria trabalhando no laboratório. Também foi um programa com bons resultados!

Intensive Courses: este programa foi um dos mais utilizados e sempre precisávamos aumentar. Ajudava a trazer um pesquisador visitante de língua não portuguesa ou espanhola, justamente para que os nossos alunos tivessem que assistir aulas em inglês. Ao trazer um pesquisador, digamos, alemão para oferecer um curso de curta duração, como 20 horas, as aulas teriam que ser ministradas em inglês e para um público mínimo de 20 alunos. Essas eram as condições. Grande sucesso teve este programa!

Cooperação Brics: reconhecemos que pouco ainda havia sido feito pela cooperação acadêmica entre os países do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Todos esses países estratégicos para o Brasil. Tínhamos como coordenador um professor do Instituto de Economia (prof. Bruno de Conti) que também é o responsável brasileiro pela direção do Instituto Confúcio na Unicamp.⁸ As relações com os países membros do Brics ganharam grande impulso!

Agropolo: nessa mesma época, resolvemos apoiar a criação do Agropolo Campinas-Brasil,⁹ uma plataforma de relacionamento interinstitucional envolvendo a Prefeitura Municipal de Campinas, o Instituto Agrônomo (IAC), o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), o Techno Park de Campinas, a Unicamp e o projeto Agropolis Internacional de Montpellier na França. A proposta do Agropolo Campinas-Brasil é desenvolver os temas de pesquisa ligados à Bioeconomia,¹⁰ ajudando a valorizar os produtos agroalimentares. Como a proposta está

⁸ O Instituto Confúcio foi instalado na Unicamp em 2014 e teve como primeiro diretor brasileiro o prof. Walter Belik do Instituto de Economia da Unicamp.

⁹ O projeto Agropolo Campinas-Brasil foi idealizado a partir da experiência do Agropolis em Montpellier na França pelo seu prefeito George Frêche que visitou a Unicamp mais ou menos em 2003 ou 2004.

¹⁰ O Agropolo Campinas-Brasil obteve a aprovação de um projeto temático Fapesp para dinamizar as pesquisas ligadas à Bioeconomia, projeto PPPBio em vigência atualmente.

relacionada a várias unidades da Unicamp (Feagri, FEA, IB, IE, NIPE e CPQBA são exemplos), este programa vai justamente nesta direção.

Estes Editais de Internacionalização foram lançados anualmente (2014, 2015 e 2016) pela Unicamp com orçamento de cerca de R\$ 2 milhões/ano e beneficiando cerca de 250 docentes, alunos e funcionários/ano da universidade.

Parcerias com redes acadêmicas

Outra modalidade ou mecanismo de promoção da internacionalização da Unicamp esteve ligada às redes acadêmicas. Possivelmente a rede mais antiga e que mais profundamente impactou a universidade, seja por sua abrangência temática, seja pelo número de intercâmbios proporcionados foi a da Associação das Universidades do Grupo Montevideu (AUGM).¹¹ A Unicamp foi membro fundador da AUGM,¹² que começou com poucas universidades e hoje conta com cerca de 30. Só são permitidas universidades públicas. Participam universidades da Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Paraguai e Brasil. São vários os programas da AUGM, mas possivelmente os de maior impacto foram o Escala Estudantil e o Escala Docente.¹³ Para a Unicamp, este era o principal mecanismo de mobilidade com o Mercosul. Anualmente eram enviados cerca de 50 alunos e era recebido um número aproximadamente igual. Na pós-graduação, eram enviados 3 e recebidos outros 3. Havia, também, anualmente um congresso para

¹¹ Conferir: <http://grupomontevideo.org/sitio/>.

¹² Foi durante a gestão do prof. Hermano Tavares (1999-2002) que ocorreu o grande envolvimento da Unicamp com a AUGM.

¹³ Pelo Escala Docente enviávamos cerca de 10 docentes e recebíamos um igual número. Posteriormente, também foi criado um programa de mobilidade para os funcionários das universidades da AUGM.

apresentação de trabalhos científicos, as Jornadas de Jovens Investigadores da AUGM — para as quais a Unicamp sempre enviava alunos e chegavam a contar com cerca de 400-500 participantes. O trabalho com a AUGM sempre foi muito bom, amigável, o que sem dúvida facilitava muito.

Outra rede muito ativa é a Udual, que reúne mais de 100 universidades. Nesse período de 2013-2017, o prof. Tadeu, nosso reitor, foi também presidente da Udual. Nesse período, conseguiu iniciar seu principal projeto, realizar com a AUGM a criação do programa Enlaces,¹⁴ uma espécie de “Bolonha Latino-Americano”. Isso foi iniciado como piloto para algumas universidades, entre elas a Unicamp e alguns cursos de graduação.

Outras redes importantes, a Cinda,¹⁵ o grupo Coimbra, a rede Macrouiversidades, também foram ativas e renderam bons frutos para a universidade.

Tínhamos também uma parceria com o Consulado Francês de São Paulo, com a participação da USP e Unesp. As chamadas “Cátedras Francesas” na qual a Unicamp cobria parte das despesas e recebia catedráticos franceses anualmente em todas as áreas. Um programa muito interessante, pois a França é um país muito ativo academicamente (tendo inclusive o CEnDOTEC no *campus* da USP em São Paulo) e possivelmente o mais desenvolvido economicamente entre os países latinos. Essa proximidade com a França abria outras portas como, por exemplo, o “Duplo Diploma” das nossas engenharias com as *Grands Écoles* francesas,¹⁶ outro programa de grande êxito e que ajudou a criar muitas oportunidades aos nossos alunos.

¹⁴ Conferir: <http://espacioenlaces.org/>.

¹⁵ Conferir: <http://www.cinda.cl/>.

¹⁶ Ver lista de convênios em: <http://www.conveniosderi.gr.unicamp.br/>.

Outros financiamentos para a mobilidade

O banco Santander sempre foi um parceiro muito bom para a Unicamp no apoio às ações de internacionalização. Por meio de seu Programa Universidades conseguimos complementar diversos programas ou mesmo ter um programa próprio para o banco. Foi o caso das Bolsas de Mobilidade Estudantil Santander graduação e pós-graduação com cerca de 30 bolsas anuais, as Cátedras Ibero-Americanas com universidades espanholas apoiando 11 docentes por ano e ajudando a fortalecer os laços de cooperação Brasil-Espanha. Outros programas incluíam a mobilidade com a China, os EUA e Portugal. A ação do seu ex-presidente Emílio Botín em prol da internacionalização em muito ajudou para a integração cultural, econômica e acadêmica de nossas universidades.

A evolução da mobilidade internacional da Unicamp

Para se ter uma ideia do crescimento da mobilidade estudantil na graduação da Unicamp, apresentamos a seguir a evolução dos números totais para o período 1994 a 2015. Até 2003 havia relativamente pouca mobilidade de estudantes na graduação, mas a partir daí foi estabelecida uma estratégia¹⁷ de enviar pelo menos 10% dos alunos de todos os cursos. Foi feito um considerável esforço financeiro, mas a universidade contou com parceiros governamentais (Fapesp, Capes, CNPq) e privados (banco Santander) entre outros.

¹⁷ A gestão do prof. Carlos Henrique de Brito Cruz (2002 a 2005) deu grande impulso para a área internacional, com início das chamadas “missões às universidades do Uruguai, Argentina e Chile”. Foram realizadas várias missões no período 2002 a 2005.

Os números cresceram para outro patamar no período 2003 a 2007 e depois para um patamar mais elevado de 2008 a 2011, quando começou o Ciências sem Fronteiras (CsF) do Governo Federal.

Já o destino dos estudantes de graduação é muito diversificado: Reino Unido (16,8%), França (14,8%), EUA (14,4%), Austrália (10,9%), Alemanha (10,4%), Canadá (7,9%), Portugal (4,5%), Espanha (3,4%), Irlanda (3,2%), Itália (3,2%), Japão (1,9%), Holanda (1,6%) apresentam a maior parte dos destinos.

Já a origem dos estudantes estrangeiros (graduação e pós-graduação) matriculados na Unicamp: Colômbia (28,8%), Peru (16,1%), Espanha (4,8%), Argentina (4,0%), Chile (3,3%), França (3,0%), Equador (2,8%), Itália (2,7%), Alemanha (2,5%), Portugal (2,4%), Haiti (2,3%), Bolívia (1,9%), China (1,6%), Irã (1,6%), México (1,5%), Uruguai (1,5%), Cabo Verde (1,4%), Cuba (1,3%), Angola (1,2%), Venezuela (1,1%) são os que vieram com maior intensidade.

E o total de estudantes estrangeiros (graduação e pós-graduação) na Unicamp elevou-se de 656 em 2005 a 1.641 em 2014 e 1.709 em 2015.

Ressalta-se que o impacto não foi só importante na quantidade de alunos participantes dos intercâmbios, mas também no total de publicações. O total de artigos publicados em periódicos de circulação internacional pela Unicamp evoluiu de 521 em 1993, para 1.088 em 1996, 2.426 em 2008, 3.415 em 2013 e 3.459 em 2014.

Outro dado importante refere-se ao número de funcionários que se beneficiaram da política de internacionalização da Unicamp. Antes, não envolvidos, os funcionários passaram a ter essa oportunidade. Os números de afastamentos de docentes e técnico-administrativos da Unicamp para o exterior deram um salto de 2000 para 2001, mantendo-se estáveis

até 2010, quando voltaram a crescer entre 2011 e 2015, oscilando entre 1000 e 1100 afastamentos.

Impacto do Programa Ciências sem Fronteira (CsF) na Unicamp

Este tema pode ser mais bem tratado do ponto de vista quantitativo. Qualitativamente é muito difícil se ter uma noção do impacto do CsF na vida do participante do intercâmbio. Mesmo uma avaliação estritamente disciplinar é difícil, arriscada e teria de ser feita necessariamente usando critérios científicos.

Em 2012, 300 alunos viajaram pelo programa, 614 em 2013, e 827 em 2015, demonstrando sua grande importância para a Unicamp.

Se, por um lado, a introdução do CsF foi benéfica, e os números atestam isso, por outro lado, fez recrudescer os programas tradicionalmente apoiados pela universidade, como os da AUGM, por exemplo. Muitos alunos que desejam participar de um intercâmbio preferiram ir para uma universidade na Europa ou nos EUA em detrimento das universidades do Mercosul.

Outro efeito menos favorável do CsF foi que o programa não contou com o envolvimento da universidade na formulação das suas estratégias, tendo, por exemplo, colocado de lado os cursos da área de ciências humanas.

Por estas razões, embora o CsF tenha tido, no balanço geral, sua importância, por “colocar a universidade brasileira no mapa do interesse das grandes universidades nos países avançados”, teve também seus problemas que não cabe aqui serem tratados. Friso, no entanto,

que considero bastante válida a experiência do programa e as ações do MEC e especificamente da Capes na sua implantação.

Impactos da internacionalização na Unicamp

As análises que se seguem são muito preliminares e talvez nem devessem ser discutidas nesta obra, mas gostaria de, em caráter pessoal, compartilhar minhas impressões sobre os impactos favoráveis da internacionalização acadêmica.

Entre os impactos mais importantes da internacionalização na Unicamp, podemos citar a diminuição da evasão (% evasão por matriculados) nos cursos da graduação e o aumento da procura no vestibular (candidatos por vaga).

Pessoalmente considero que a internacionalização exacerba o interesse do aluno por um melhor desempenho. Cria-se um ambiente de maior competição saudável entre os estudantes, fazendo-os estudar mais, dependendo mais de si mesmos para conseguir uma vaga para um intercâmbio. Isso, a meu ver, faz diminuir a evasão. Outro ponto favorável da internacionalização é o aumento da procura pelo curso no vestibular. A existência, por exemplo, dos convênios de duplo diploma estimula o aumento da procura.

Também na pós-graduação este impacto se fez sentir, sobretudo na melhoria na chamada nota Capes e número de artigos indexados internacionalmente por doutorandos. A impressão que se tem é que os alunos gostam de estudar num ambiente mais internacionalizado, com a presença de mais professores visitantes e colegas vindos de fora. Isso também os fará estudar mais, publicar mais.

Uma competente equipe na VRERI – Unicamp

É importante salientar que tudo isso só foi possível graças à dedicação e competência da equipe da antiga Coordenadoria de Relações Internacionais e depois Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais (VRERI),¹⁸ que contou com boa infraestrutura de apoio, dois postos de atendimento: um junto à Biblioteca Central, lugar de grande movimento de alunos, e outro na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), em Limeira – SP.

Também contamos com dois assessores diretos e mais três assessores para a área internacional designados pelas Pró-Reitorias de Pesquisa, Pós-Graduação e Graduação. Eram, portanto, cinco assessores e o próprio Vice-Reitor Executivo empenhados na grande tarefa de ajudar a internacionalizar a Unicamp. Frequentemente visitávamos as Câmaras da Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa para discutir estratégias e apresentar resultados.

Mas também muito se passava nas unidades de ensino e pesquisa. Como dito anteriormente, este era, em última análise, o objetivo: fazer com que a estratégia fosse formulada no âmbito das unidades, a partir da base da universidade envolvendo os coordenadores de graduação, pós-graduação e de pesquisa da universidade. Várias unidades da Unicamp resolveram criar seus próprios escritórios de internacionalização (por exemplo, o Instituto de Biologia, a Faculdade de Ciências Aplicadas e a Faculdade de Ciências Médicas).

Línguas

Finalmente, um grande esforço devia ser feito na área de línguas na universidade, afinal é por meio das línguas que nos internacionalizamos.

¹⁸ Hoje, Diretoria de Relações Internacionais (Deri) da Unicamp.

Na Unicamp, muitos alunos já entram com bom conhecimento de inglês, mas muitos precisam de apoio. Isto é feito através do Centro de Estudos da Linguagem (CEL) da Unicamp. Existe uma oferta anual de cerca de 300 vagas para o ensino de línguas e o oferecimento de cursos em inglês, espanhol, francês, alemão, japonês, italiano e mais recentemente russo e língua hebraica. Outras duas línguas são oferecidas na Unicamp: o mandarim através dos professores trazidos pelo Instituto Confúcio¹⁹ e o coreano através do Instituto Sejong.²⁰

Recentemente o turco foi introduzido no CEL como mais uma oferta interessante. Além destes, também a língua portuguesa é oferecida para os alunos estrangeiros que frequentam a Unicamp. Nesse sentido, a Unicamp sempre procurou colaborar com a política de fortalecimento do português como, por exemplo, o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras).

Conclusões

Hoje, a Unicamp, na gestão do prof. Marcelo Knobel, é uma universidade madura, com um corpo docente altamente qualificado e muito participante internacionalmente.

De todos os benefícios comentados sobre a internacionalização na Unicamp, possivelmente o mais importante sejam os Editais de Internacionalização. Através deste mecanismo *bottom-up*, as unidades teriam de refletir sobre o que desejam deste processo.

¹⁹ Conferir: <https://www.institutoconfucio.unicamp.br/>.

²⁰ Conferir: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/09/03/unicamp-inaugura-instituto-king-sejong?language=pt-br>.

Pensar, pensar e pensar sobre o que de fato é importante, o que de fato queremos nesse processo. Porque é importante para a graduação, para a pós-graduação e para a pesquisa.

Cada programa dos editais foi pensado com o intuito de descentralizar as ações, permitir que os docentes assumam o controle da implementação da estratégia.

Que os alunos sejam os arquitetos do seu futuro. Que os funcionários repensem suas ações no dia a dia. Que todos possam conhecer outras realidades e não se sintam como simples robôs repetindo funções numa máquina chamada universidade.

A internacionalização tem o papel de transformar as pessoas. Quem participa de um intercâmbio se transforma, não só academicamente, mas como cidadãos, repensando nossas sociedades. Transforma-se, e como se diz na Andaluzia, transforma e se transforma...

Observações finais

As opiniões colocadas neste texto, de forma alguma, refletem a opinião das pessoas citadas, das reitorias ou da própria Unicamp. São opiniões colocadas em caráter pessoal e com o objetivo apenas de compartilhar impressões sem ter o interesse de julgar o trabalho das pessoas ou das instituições envolvidas.

Referências consultadas

BRÉTON, Gilles. *Strategies d'Internacionalisation de l'Université d'Ottawa*, mai. 2017. Disponível em: https://www.uottawa.ca/recteur/sites/www.uottawa.ca/recteur/files/2018-01-11_-_rapport_complet_final_0.pdf.

JORGE, José Tadeu; CORTEZ, Luís Augusto Barbosa. *50 Anos de Internacionalização da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas*. Congresso Universidad 2016, 21 p. La Havana, Cuba. Disponível em: <https://www.dac.unicamp.br/portal/>.

UNICAMP. Disponível em: <https://www.aeplan.unicamp.br/>.

UNICAMP. Disponível em: <http://www.50anos.unicamp.br/linha-do-tempo>.

A internacionalização das universidades é inevitável, e as instituições começam a implementar suas políticas e estratégias, influenciadas pelas dinâmicas acadêmicas internacionais, pelas políticas governamentais nacionais, regionais e mundiais. O desafio é manter o foco nas questões e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais. Deve ser definida de acordo com o perfil das instituições e das necessidades das suas comunidades, com potencial para melhorar o ensino e a pesquisa localmente produzida de modo a fomentar o crescimento sustentável da região, em diálogo constante com o contexto global e valores compartilhados em projetos acadêmicos de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais, a fim de estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. É mais um instrumento para fomentar o diálogo entre atores da internacionalização acadêmica. Esta obra apresenta reflexões sobre as políticas de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil; foca na questão do pertencimento e da atuação em redes internacionais de pesquisa e de diálogo acadêmico; as políticas linguísticas em prol da internacionalização também são objeto de ampla reflexão, aliando-se a sugestões de boas práticas como duplas titulações e eficientes modelos de mobilidade baseados em simetria e reciprocidade. Apresenta discussões voltadas aos programas de cooperação acadêmica e às parcerias consolidadas entre universidades e órgãos internacionais. Boa Leitura!